



ARTIGO DOSSIÊ

NARRATIVAS DO INSÓLITO, DISTOPIA E UTOPIA

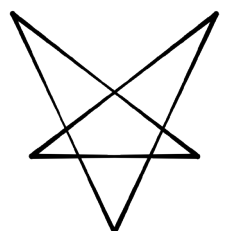
A futuridade como expressão do utópico em *A parábola do semeador*, de Octavia E. Butler

Futurity as a expression of utopia in *Parable of the sower*, by Octavia E. Butler

La futuridad como expresión de lo utópico en *La parábola del sembrador*, de Octavia E. Butler

ANA CLARA DE FREITAS SOARES

Mestranda em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
E-mail: anaclara.soares@estudante.ufjf.br.





Resumo

A proposta visada para o presente artigo é de analisar como a noção de futuridade é trabalhada no romance *A parábola do semeador*, de Octavia E. Butler. A análise será embasada pelo referencial teórico e conceitual da obra de Frantz Fanon, assumindo uma abordagem decolonial. A proposta também visa apontar os pontos de convergência e discordância entre a visão de futuridade defendida por ambos os autores. Enquanto metodologia, adota-se a investigação sistemática da bibliografia selecionada, assim como a sua análise por um processo que perpassa as etapas de construção de uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Octavia E. Butler; Utopia; Futuro; Futuridade; Frantz Fanon.

Introdução

O objetivo central deste artigo se concentra na tarefa de analisar como a noção de futuridade é trabalhada no romance distópico *A parábola do semeador*, de Octavia E. Butler. Para atingir esse fim, o conceito de futuridade à luz da teorização presente no pensamento e obra do filósofo martinicano Frantz Fanon. A proposta também visa articular ambas as visões, propostas pela escritora e pelo filósofo, na pretensão de traçar os pontos de convergência e discordância entre os autores.

O romance de Butler, originalmente publicado em língua inglesa no ano de 1993, especula sobre o futuro a partir de acontecimentos que alteram drasticamente sobre o modo de vida cotidiano e a organização social, em um contexto afetado por múltiplas crises de cunho sociopolítico e ambiental no território e temporalidade em que a história é situada: sul da Califórnia, no recorte temporal estipulado entre 2024 e 2027. O cenário é desenvolvido a partir da imagem de uma Califórnia em chamas, dominada por um estado de violência generalizada e miséria derivada do caos depositado sobre o momento de crise. Tal imagem se afasta do sonho de verão evocado em *California Dreamin'* (1965), canção popular performada pela banda The Mamas & The Papas.

A narrativa de *A parábola do semeador* é centralizada no discurso em primeira pessoa de Lauren Olamina, uma jovem mulher de identidade negra que, em meio a uma crise sociopolítica e ambiental que assola os Estados Unidos na segunda década do século XXI, reflete e infere sobre o mundo ao seu redor a partir da criação de um novo paradigma epistêmico e teológico, pautado pela noção de um devir radical. O novo paradigma criado por Lauren norteia a construção de uma comunidade alternativa denominada semente da terra, que agrupa indivíduos e famílias que compartilham de um histórico de traumas decorrentes da exploração do humano pelo humano e buscam, conjuntamente, meios de resistência e existência sob a iminência da catástrofe civilizatória. A narrativa é guiada pela voz e registros do cotidiano de Lauren em um diário mantido no período que a história se passa.

O contexto descrito no romance, por vezes, se confunde com a realidade material do presente momento, marcado pelo avanço do neoliberalismo, da degradação ambiental provocadas pelas atividades antrópicas (Amaral, 2023, p. 67) e pelas novas configurações subjetivas que emergem junto ao plano político-econômico. Por esse motivo, é atribuído a autora uma posição de profetiza frente aos enunciados que marcam o tempo presente, sobretudo quando, em meados da década de 2010, o mundo testemunhou a chegada ao poder de figuras políticas alinhadas ao fascismo por vias eleitorais, tensionando e mobilizando o cenário sociopolítico em direção à extrema direita em escala global.

Em entrevista, a romancista argumenta que seus livros “olham para onde estamos agora, o que estamos fazendo agora, e para imaginar onde alguns dos nossos comportamentos



atuais e problemas negligenciados podem nos levar” (Butler, 2018, p. 417), desvencilhando o seu discurso da ordem do profético.

A partir de um olhar, crítico e sagaz aos problemas que já vinham permeando a tessitura social no final do último século, Butler propõe uma rota de fuga, se posicionando no território de disputa acerca do futuro, no contraponto radical à máxima de que é “mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2020, p. 149).

Tendo sua escrita tradicionalmente associada à ficção científica, Octavia Butler se apropria do gênero da ficção especulativa como um recurso para reimaginar não apenas o futuro e o presente, mas para também se remontar a um passado traumático, como foi realizado em *Kindred* (2017).

Alguns críticos literários e estudiosos argumentam que, em *A parábola do semeador*, Butler tem a sua escrita cooptada por um senso de esperança característico ao gênero da distopia crítica. Para autoras como Oliveira e Silva (2024), as narrativas que se inserem no gênero da distopia crítica apresentam uma natureza política e lidam, essencialmente, com temáticas ligadas à violência e repressão, que não recaem em abordagens pessimistas. Essas narrativas vislumbram a possibilidade de esperar sobre o futuro, apresentando um aceno para a utopia. As autoras expressam que essas histórias “tratam dos sentimentos mais profundos, de medo e esperança; lidam com violência e propõem a luta contra ela” (Oliveira; Silva, 2024, p. 19), provocando questionamentos à ideologia dominante.

Baccolini (2004) evidencia que o gênero emerge no período entre a década de 1980 e 1990, em textos de autoria feminina e anglófona que manifestam um potencial crítico às normas sociais hegemônicas a partir de um olhar que parte de corpos que não são contemplados ou reconhecidos por essas normas. A crítica acrescenta que autoras como Octavia Butler e Margaret Atwood, ao redigirem narrativas distópicas não pessimistas, desconstróem a ideia do gênero literário.

Amaral (2023), indica que essa movimentação crítica é investida de uma escrita híbrida entre a distopia e a utopia como uma forma de evocar um vislumbre de esperança não idealizado. Essa é a particularidade que distingue o gênero da distopia crítica da caracterização clássica de distopia.

O hibridismo identificado por Amaral e Baccolini aparece em *A parábola do semeador* a partir da decisão da autora de manter viva a sua protagonista, Lauren Olamina, uma jovem mulher negra. A sobrevivência da protagonista subverte as expectativas destinadas a corpos marginalizados em contextos potencialmente catastróficos.

Salvaggio (1984) infere que, em geral, nas narrativas de Butler, a sobrevivência das protagonistas é interpelada por marcas e fissuras traumáticas geradas na jornada de enfrentamento do conflito estabelecido. Essas fissuras são trabalhadas no romance a partir da estratégia de desalienação — um conceito inscrito no corpo teórico da obra de Frantz Fanon. A desalienação é um processo marcado pela busca da emancipação humana através da luta reivindicatória da condição de humanidade negada a sujeitos marginalizados pela hegemonia cultural. A emancipação é o resultado combinado da ação dirigida à conquista da condição almejada e da imaginação utópica.

Argumenta-se que o sentido empreendido de utopia neste texto é embasado pela visão de Hilário (2013), que dimensiona a noção a partir de uma contextualização histórica que remete ao século XVI, atrelando-a a um ideal de progresso como princípio norteador que direciona a humanidade à um caminho em direção ao bem-estar comum. Hillário (2023) pensa e define



a utopia como uma promessa que busca a emancipação ao visualizar um mundo baseado em ideias novas, negligenciadas ou rejeitadas, onde há uma confiança no futuro como fundamento normativo que garante eficácia ideológica (Hilário, 2013, p. 5).

A definição, apesar de generalista em aspectos que tangem a posições ideológicas, é aplicada à argumentação proposta neste artigo a partir de um posicionamento alinhado ao pensamento decolonial, com ênfase no trabalho e obra de Frantz Fanon e François Vergès. Ambos os pensadores desenvolvem reflexões acerca da futuridade e da produção de futuros alternativos à realidade do presente material a partir da lente da utopia.

O processo de desenvolvimento do artigo envolve três etapas de construção, em que, inicialmente será explorado o conceito de futuridade pelo aporte teórico fanoniano para, em seguida, analisar como esse conceito aparece no romance de Butler. À guisa de conclusão, propõe-se traçar articulações entre as maneiras de compreender o conceito de futuridade, assim como apontar, brevemente, as convergências e divergências entre os autores e obras indicados.

Enquanto método, esse estudo se adequa à modalidade de revisão de literatura, apropriando-se dos materiais bibliográficos para compor a análise proposta, assim como do modo de execução por etapas que perpassam a busca, seleção, leitura e redação do texto.

Sobre o conceito de futuridade

O tempo, no campo filosófico, é um território de embate que se posiciona no cerne da disputa sobre um dos principais pilares que erguem a fundação epistemológica de uma cultura. Despido de uma caracterização que confere ao tempo o status de um objeto natural, revela-se um constructo que organiza a realidade material e que estrutura os modos de ser e estar no mundo.

Tim Ingold (2000; 2015), em seu percurso na antropologia, intuiu uma posição de agência à noção de tempo a partir da distinção entre tempo e temporalidade. A proposta de Ingold se aproxima de um tempo que é apresentado enquanto condição para a constituição mútua entre o humano e a paisagem, definindo-o como o elemento que provê a mundanidade do mundo (Ingold, 2015).

Essa definição, sob o olhar do antropólogo, se distancia da noção hegemônica de tempo e, por isso, em diversos momentos, é encarada como temporalidade. Por isso, Ingold (2000; 2015) traça uma linha de distinção entre ambos os conceitos a partir da paisagem. A paisagem é vista como uma lente para narrar histórias, em que o corpo, o nosso corpo, se engaja perceptivamente. Essa lente é impregnada de passado, exigindo um constante exercício de memória e memorização por parte desse corpo (Bailão, 2016).

Por sua íntima relação com o aparato cognitivo humano, a paisagem não pode ser compreendida cronologicamente, pois a cronologia é uma “sucessão regular de um tempo vazio e quantitativo” (Ingold, 2000). Trata-se, portanto, de uma noção não instituída pelo tempo, mas sim por algo singularizado, como a temporalidade. O conceito de temporalidade permite uma compreensão não segmentada acerca do espaço-tempo que se vive e atua, individual e coletivamente.

A abertura contida na separação entre o tempo institucionalizado e a temporalidade como uma ação singular permite a colocação de um olhar crítico sobre a pavimentação do conceito de forma hegemônica, assim como fez Frantz Fanon ao desenvolver seu pensamento e obra. A temática, apesar de não ser central na obra do pensador martinicano, se encontra presente em momentos pontuais, geralmente ancorados na questão da urgência e emergência da superação da violência colonial.



Um desses momentos mais explícitos aparece logo na introdução de *Pele negra, máscaras brancas*, em que Fanon tece considerações sobre a questão da temporalidade em seu pensamento e obra. Em uma dessas considerações, o autor adverte que

Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. O ideal seria o presente servisse para construir o futuro. E esse futuro não é do cosmos, mas sim do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum devo me propor preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente à minha época. E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção constante do homem existente. Essa edificação se vincula ao presente, na medida que o considero algo a ser superado (Fanon, 2020, p. 25).

A citação acima apresenta o recorte situacional da concepção fanoniana de tempo, que é despida da convencionalidade da tradição filosófica que o autor se insere. Essa concepção estabelece que cada sujeito pertence “irredutivelmente à sua época”, conferindo centralidade ao tempo presente e à materialidade desse presente, despindo-se de reflexões abstratas. O futuro, neste caso, é uma consequência da ação humana temporalizada no presente, enquanto o presente é algo a ser superado. A superação das condições do presente é o que possibilita a emergência do novo, o qual, na obra do autor, se radicaliza na forma de um “novo humanismo” (Fanon, 2020).

Em *Sobre a cultura nacional*, texto presente no livro *Os condenados da terra*, Fanon versa sobre a superação do passado e presente colonial pelo viés da violência perpetuada na expressão cultural de um povo colonizado. A discussão presente no texto pondera sobre a questão da emergência de uma cultura verdadeiramente nacional como etapa concomitante ao processo de libertação colonial via combate.

No texto, Fanon, ao refletir sobre o lugar da tradição, infere que essa posição é ambígua, podendo tanto representar a inércia cultural quanto a efervescência de criatividade frente à radicalidade das mudanças. Para exemplificar, o autor remete à tradição oral para expressar seu ponto de vista, pautado na atualização das narrativas para comportar as demandas do presente.

Cada vez que o contador expõe um episódio novo diante de seu público, assiste-se a uma real invocação. É revelada ao público a existência de um novo homem. O presente não está mais fechado em si mesmo, mas dividido em pedaços. O contador de histórias volta a dar liberdade à imaginação, inova, realiza obras criadoras (Fanon, 2022, p. 242).

Sob o aporte teórico de Frantz Fanon, a futuridade pode ser compreendida como um exercício de imaginação de outras possibilidades de futuro, onde o horizonte emancipatório é aspirado e cultivado a partir da práxis revolucionária. Essa visão não é singular à Fanon, sobretudo quando, na contemporaneidade, há pensadores decoloniais que recuperam essa capacidade imaginativa, como François Vergès.

No manifesto *Feminismo decolonial*, Vergès estabelece que é necessário combater o idealismo derrotista, a fim de instruir e reorientar a luta como um processo contínuo, numa temporalidade situada em um “longo caminho rumo à liberdade, uma luta sem trégua, a revolução como trabalho cotidiano” (Vergès, 2020, p. 21). Para a pensadora, essa reorientação do sentido de luta exige a apreensão de uma nova política cognitiva, capaz de redirecionar a percepção a essa temporalidade contínua, a fim de evitar a adoção de posturas pessimistas.



Dessa forma, compreende-se que, tanto para Fanon quanto para Vergès, é possível imaginar e construir um mundo para além das armadilhas capitalistas, contradizendo à máxima de que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2018). Ressalta-se que, na visão fanoniana, um futuro verdadeiramente emancipatório é construído sobre as cinzas de um passado e presente então superado pela instauração da soberania do colonizado sobre a sua cultura.

A futuridade, portanto, reside no exercício de imaginação e recuperação da agência sobre o presente, que garante a edificação de um futuro que aspira a emergência do novo. O novo, nessa perspectiva, é a expressão de uma humanidade emancipada das amarras coloniais, a partir da ação direcionada para a superação dessa condição de opressão. Desta forma, a emancipação, nesses moldes, é a força motriz para a mudança — uma virtude utópica.

A futuridade em *A parábola do semeador*

O romance distópico *A parábola do semeador*, publicado em língua inglesa em 1993, pela escritora estadunidense Octavia Estelle Butler (1947 — 2006), especula sobre um futuro, situado entre 2024 e 2027, a partir de um panorama sociopolítico de crise climática alarmante e ascensão do fascismo. O cenário representa uma Califórnia em chamas, dominada pela violência generalizada e miséria.

Os incêndios e as cinzas remanescentes das chamas que invadem a paisagem fazem parte do cenário narrado por Lauren Olamina em um diário mantido no período que a história se passa.

A jornada da protagonista em sua deambulação pelo território californiano se divide em dois momentos, sendo um deles marcado pela familiaridade da vida doméstica e outro pela peregrinação nas ruas e estradas que cruzam sua terra natal. Exploraremos melhor essa divisão.

O primeiro momento tem a duração de três anos e é marcado pela vivência familiar e comunitária de Lauren, que residem em Robledo, uma cidade fictícia posicionada no sul da Califórnia, pertencente ao condado de Los Angeles, conforme é descrito no livro.

A família da personagem é composta por seus quatro meios-irmãos, seu pai e a sua madrasta. Todos habitam em uma casa inserida em uma comunidade murada. A comunidade é restrita aos moradores e, por adotar um sistema de autogestão, necessita de uma base sólida no aspecto comunitário. A estratégia de autogestão é aplicada em decorrência do desmonte do dispositivo estatal, que oferta à população serviços públicos básicos, como segurança, saúde e educação. Dessa forma, poucos possuem trabalhos externos à comunidade e a circulação monetária é escassa, seja dentro ou fora deste ambiente.

Nesse momento a trajetória de Lauren tem suas raízes fincadas na contestação do modo de vida de sua família. Filha de pastor, a personagem se enxerga constantemente enclausurada em seus próprios pensamentos, amedrontada pela hipótese de se resignar aos valores e costumes prezados pela família. Com isso, o diário torna-se o espaço de expressão de desejos e pensamentos, sobretudo de sua relação com a religião.

A religião cristã, pregada pelo pai, é amplamente negada por Lauren, que compreende e empreende para si uma crença pautada em um novo paradigma epistêmico e teológico, fundamentado em um devir radical. A personagem interpreta o devir como uma condição inerente da vida, como um fato o qual a parte majoritária das pessoas não se atentam suficientemente. Para ela, a mudança se encontra



desde a segunda lei da termodinâmica até a evolução darwiniana, da insistência do budismo de que nada é permanente e de que todo o sofrimento resulta de nossas ilusões de permanência, até o terceiro capítulo de Eclesiastes ("Tudo tem o seu tempo"), a mudança faz parte da vida, da existência, da sabedoria em comum. Mas eu não acredito que estejamos lidando com tudo o que isso significa. Nem sequer começamos a tratar disso (Butler, 2018, p. 38-39).

Em seus escritos, Lauren manifesta essa nova noção de divino, moldada no princípio de que "a única verdade perene é a mudança" (Butler, 2018, p. 12). A impermanência como estado natural das coisas é o princípio que dirige a personagem a não se conformar à ideia de iminência da catástrofe. Para ela, ainda há futuro a ser semeado dos escombros civilizatórios. A equiparação com a figura mítica da fênix é evocada para representar essa visão.

Para ressurgir
Das próprias cinzas
Uma fênix
Deve
Primeiro
Queimar (Butler, 2018, p. 188).

Na externalidade de sua escrita e pensamentos, Lauren tenta manifestar seus novos ideais, mas acaba encontrando impasses relacionados ao seu gênero e idade, reconhecendo que essa é uma tarefa que exige rupturas e enfrentamentos, expressando que

quando as pessoas conseguirem prestar mais atenção ao que eu digo do que à minha idade, usarei esses versos para libertá-las do passado apodrecido e talvez consiga impulsioná-las para que se salvem e construam um futuro que faça sentido (Butler, 2018, p. 103).

Com a citação, torna-se perceptível a persistência e impulso de Lauren para transformar as pessoas ao seu redor, mesmo que, para isso, implique o exercício de paciência sobre a maturação de suas ideias, de seu corpo e mente. O tempo e a sua consequente passagem tornam-se elementos importantes para a constituição da narrativa, visto o desenvolvimento da história atravessa o período estipulado de quatro anos.

Lauren compreende que, para que suas ideias tomassem materialidade, era necessário garantir a sua sobrevivência apesar de qualquer adversidade. É por esse motivo que a personagem começa a recolher informações, mapas e itens que considera essencial para sobreviver ao ambiente das ruas. Dos itens listados no livro, acentua-se a armazenagem de sementes para o aguardo de um lugar de pouso, de um refúgio onde lhe permitisse semear o futuro.

É no espaço do diário que Lauren também deposita suas expectativas e medos e relação ao seu futuro. Ao observar outras adolescentes de sua faixa etária, a personagem percebe um ponto em comum entre esse grupo: a adesão ao casamento e a maternidade precoce sem a perspectiva de encarar outras realidades.

Apesar de ter e manifestar desejos distintos, Lauren enfrenta as expectativas da família e comunidade pelo seu casamento com o namorado, Curtis. Em conversa, um dos irmãos de Lauren, expressa que, para a irmã, é "melhor se casar com Curtis e ter bebês" (Butler, 2018, 138) a viver fora dos muros. A personagem, em sua intimidade, não nega a possibilidade de formação de uma família, mas cobiça meios de acessar novas experiências e de colocar em prática suas ideias.



Para acessar essas experiências, Lauren decide sair do ambiente familiar para viajar em direção ao norte do país. A personagem nutre a crença de que, ao norte, encontra-se melhores condições de vida e disponibilidade de vagas de emprego. A decisão é pautada pelos anos que se passam e o alargamento das dificuldades de se manter dentro da fortaleza dos muros, em um momento de constantes ataques externos e de perdas de membros importantes para a manutenção da comunidade, incluindo o pai de Lauren.

Em um desses ataques, a estrutura do local é afetada por um incêndio em larga escala, que ceifa a vida de figuras familiares e cotidianas à Lauren, que consegue escapar, sobrevivendo isoladamente.

Para Salvaggio (1984), a “sobrevivência a qualquer custo” uma característica preponderante nas personagens femininas de Butler. Para a crítica, essas personagens são sobreviventes que exibem em si as marcas e fissuras geradas na jornada de enfrentamento do conflito estabelecido em suas narrativas. A resiliência frente às adversidades é o que garante a essas personagens uma capacidade de serem cooptadas por um senso de esperança que aponta para caminhos utópicos (Baccolini, 2004).

O fogo e a combustão são importantes recursos utilizados na narrativa desenvolvida por Butler (2018), que representam um prospecto de mudança frente à cenários de adversidade a serem enfrentados por Lauren. O principal ponto de ruptura da história, quando a protagonista perde o seu laço com a família e comunidade de origem, é ambientado em um cenário em chamas. O incêndio, neste caso, é o pontapé que leva a protagonista a trafegar pelas ruas e rodovias californianas em busca de um lugar de pouso.

É a partir dessa ruptura que se dá início ao segundo momento da história, em que Lauren busca meios de sobreviver sozinha em um ambiente desconhecido e repleto de perigos alarmantes.

De maneira gradual, Lauren agrupa outros sobreviventes do ataque e pessoas diversas que têm o seu caminho interceptado pela protagonista. Assumindo uma postura de liderança, ela persevera por si e pelo grupo. O pano de fundo presente na história dessas pessoas é a experiência de violência derivada pela exploração do humano pelo humano, aludindo à servidão escravocrata em diferentes âmbitos.

O trauma da escravidão é escancarado por essa trajetória de deambulação pela paisagem, embebida pelos entrelaçamentos entre passado e presente (Bailão, 2016), onde Lauren e o grupo acessam a parcela da história estadunidense recalcada pela ideia de encerramento da escravidão a partir de sua abolição — uma formalidade institucional e jurídica.

A dimensão do trauma é trabalhada por via da recuperação da memória desse elemento recalcado e desconstrução de pressupostos engessados no imaginário pessoal e coletivo acerca dessa fissura traumática. Esse trabalho se assemelha ao procedimento freudiano de recordar, repetir e elaborar (Freud, 2010). Essas fissuras, sob a ótica da psicanálise freudiana, podem ser interpretadas enquanto traumas remanescentes do contato com o infamiliar (Freud, 2019), representado pelos conteúdos que deveriam permanecer velados à consciência, mas que retornam sob a forma de angústia. A elaboração destes traumas se dá pelo exercício de manifestação dessas angústias pela via da palavra, seja através da fala ou da escrita individualizada.

Orientado por uma sensibilidade coletiva, Frantz Fanon propõe uma estratégia de elaboração de traumas baseada na primazia da ação reivindicatória, distinguindo-se do procedimento formulado pelo fundador da psicanálise. O pensador propõe um método de intervenção sobre o trauma derivado da violência coletivamente experimentada por corpos marginalizados.



O método consiste no processo de desalienação desses corpos à condição de servidão imposta, reivindicando a sua humanidade e autonomia no almejo da emancipação utópica. À ação de desalienar atribui-se o sentido de decolonizar — um rompante radical com o pensamento e modo de organização social hegemônica no ocidente.

Fanon, mesmo rejeitando a individualidade do procedimento freudiano, aplica o exercício estipulado em três etapas. O esforço de lembrar, para o pensador, é essencial para reorientar os afetos e a razão em direção à construção utópica. A problemática tratada em sua obra é situada na temporalidade e na superação do passado, pois ele se define na oposição da História que aprisionou e escravizou os seus semelhantes. Por isso,

O problema aqui considerado se situa na temporalidade. Serão desalienados negros e brancos que se recusarem a se deixar enclausurar na Torre Substancializada do passado. Para muitos outros negros, a desalienação virá, ademais, da recusa em considerar a atualidade definitiva (Fanon, 2020, p. 237).

Marques e Freitas (2021), enxergam na personagem de Lauren uma alusão a figuras históricas abolicionistas, como Harriet Tubman e Frederick Douglas. Para os autores, a personagem, em sua jornada, precisa romper com os ligamentos da ideia de escravidão presa ao modelo histórico que precede a guerra de secessão para, enfim, compreender que a escravidão é um processo contínuo que se perpetua no presente (Marques e Freitas, 2021, p. 173).

A perspectiva retratada por Marques e Freitas (2021) se assemelha com a forma pela qual Vergès expressa a sua visão de temporalidade, como um processo contínuo, sem quebras históricas marcadas por eventos que sinalizam um início e fim de uma era. O rompimento citado é o caminho que possibilita a contravenção de afetos que apontam para o conformismo com o estado das coisas, enveredando o corpo e o psiquismo para a construção de uma nova política cognitiva. Para Vergès (2020), é a partir dessa temporalidade que a sua proposta de feminismo decolonial se engaja, a fim de se situar no panorama de disputas acerca do futuro, visando a emancipação humana em primeiro lugar.

Acerca da identificação do posicionamento de Lauren como uma figura abolicionista, aponta-se para uma referência direta presente no livro às *underground railroads*, onde a protagonista afirma que formula em seu entorno uma “versão moderna de um grupo de *underground railroad*” (Butler, 2018, p. 363). A título de curiosidade, a *underground railroad* (2025) foi uma rede de trilhas de fuga subterrâneas utilizadas por refugiados de campos escravistas, que se estende pelo mapa dos Estados Unidos, de norte a sul e abrangendo a costa leste e oeste.

Tomada por esse espírito de libertação, a personagem afirma que

As coisas estão ruindo cada vez mais. - Eu fiz uma pausa. - Mas garanto que se conseguirmos convencer ex-escravos de que eles podem ter liberdade conosco, ninguém vai lutar mais para mantê-la. Mas precisamos de armas melhores. E precisamos tomar muito cuidado... (Butler, 2018, p. 364).

O desfecho da história é preconizado por uma adversidade que aflige o grupo, em conjunto. Neste momento, o fogo é um recurso novamente utilizado como ponto de ruptura. O fogo reaparece em uma cena na qual se descreve uma tempestade de fogo. O fenômeno apresenta uma ameaça à sobrevivência da personagem principal e grupo que congrega em seu entorno quando se dirigiam ao refúgio aspirado. Ao sobreviverem, Lauren expressa que



Conseguimos emergir do pior da fumaça e das cinzas, e escapar das rajadas de vento quente. (...) Foi inacreditável. Íamos sobreviver. Ainda estávamos vivos e juntos – chamuscados e arrasados, precisando muito de água, mas vivos. Nós conseguimos passar por aquilo. (Butler, 2018, p. 384)

Posteriormente, encontram o lugar de refúgio aspirado, possibilitando, enfim, que o grupo se estabeleça como uma comunidade e, assim, plantar suas sementes e gestar um futuro possível e digno para todos, tanto dentro quanto fora da comunidade. Essa noção de futuro, na utopia de Lauren, não se limita ao fortalecimento dessa comunidade em termos de sobrevivência, estendendo-se para a garantia da permanência humana no mundo. Sobre esse aspecto, a personagem aponta que

O destino da Semente da Terra é criar raízes entre as estrelas. (...) Este é o principal objetivo de Semente da Terra e o último recurso humano para driblar a morte. É melhor que persigamos este destino se quisermos ser algo além de dinossauros de pele lisa — aqui hoje, mortos amanhã; nossos ossos misturados com os ossos e cinzas de nossas cidades. (Butler, 2018, p. 275)

O destino imaginado por Lauren é, para além de tudo, “o último recurso para driblar a morte” (Butler, 2018, p. 275) e, por consequência, superar a catástrofe iminente — o fim da humanidade. A visão da protagonista é embebida pelo senso de esperança que Baccolini (2004) identifica na escrita de Octavia Butler e pelo direcionamento utópico que constitui a base do pensamento fanoniano.

A futuridade é trabalhada na obra como um esforço contínuo de resistência perante as cinzas e ruínas de uma nação em colapso. A utopia como força motriz é o elemento que permite à protagonista perceber que “para ressurgir das próprias cinzas, uma fênix deve primeiro queimar” (Butler, 2018). Dessa forma, para Lauren, mesmo em meio aos escombros e cinzas do passado, o futuro ainda é um terreno a ser semeado.

Considerações finais

A noção de futuridade sob o ponto de vista de Frantz Fanon assume um caráter situacional, que posiciona o sujeito e seu coletivo a um tempo, considerando suas possibilidades e limitações. O futuro, encarado como uma construção que se dá no presente, reestabelece uma conexão, uma relação de continuidade entre tempos, assim como infere uma capacidade de inserir uma visão crítica acerca do que é realizado no presente. Portanto, o presente se torna o cenário que ambienta a mudança. Da mudança pode vir a surgir a emergência do novo que, para o pensador martinicano, é o ato desalienante — em outras palavras, decolonial. Ressalta-se que, essa dimensão de tempo e temporalidade é pensada no interior da cena colonial, em um contexto de efervescência social rumo ao processo de consolidação da independência argelina. Por esse motivo, o passado é o objeto a ser superado pela construção dada no presente.

Octavia Butler, em *A parábola do semeador*, especula sobre o futuro sob a lente da distopia, em um cenário que pondera sobre questões pertencentes às preocupações humanas no despontar do século XXI, seja na realidade ou no universo ficcional imaginado. O futuro, caracterizado por múltiplas crises que atravessam o plano sociopolítico, é percebido pela jovem Lauren Olamina, a protagonista do romance, como uma janela que se abre para a difusão de um novo modo de vida, que contraria o pessimismo e subverte a ideia de catástrofe generalizada.



O fim, para Lauren, é o início de algo inédito, edificado dos escombros de um passado perverso. A partir desses escombros, a protagonista constrói, gradativamente, um futuro para si e para o grupo que congrega. A futuridade, nessa perspectiva, se encontra presente no esforço constante de produzir condições que garantam permanência e sobrevivência de si, da comunidade e de suas ideias. O futuro é o território almejado quando se coloca em perspectiva o desfecho da história, onde Lauren encontra um lugar de refúgio para elaborar sua jornada e definir meios de edificar esse futuro a partir da ação, da luta pela garantia desse território.

O encontro das ideias de ambos os autores se manifesta na confecção de uma noção de futuridade constituída, essencialmente, pela ação humana direcionada a um objetivo almejado por uma imaginação utópica.

A capacidade de agência humana recuperada pela utopia tanto de Fanon quanto de Butler posiciona o tempo não como um alinhamento cronológico, mas sim uma temporalidade dotada da comunhão entre o aparato perceptivo humano e a dimensão espaço-temporal, tal como exprime Ingold na distinção entre os dois conceitos apresentados. O tempo – ou melhor, a temporalidade — para ambos os autores é uma ação perceptivamente engajada com a composição dialógica espaço-tempo.

A leitura de tempo (e de modos de produzir futuro) por aqui defendida interpreta essa agência como o principal ponto de convergência entre os autores ora citados. Em acréscimo, pondera-se que a agência é a condição primordial que possibilita o ato direcionado para a emergência de novos meios de existir e ocupar o mundo. A emergência do novo, neste caso, é denominada enquanto futuridade, considerando a argumentação exposta no texto do artigo.

Enquanto discordância, identifica-se a forma com o qual os autores lidam com o futuro. Enquanto para Butler o futuro é o elemento central de sua narrativa, Fanon privilegia o presente, verificando uma ênfase menos direcionada ao tempo futuro. A maneira com o qual Butler desenvolve suas ideias no romance pode ser assimilada à composição de Vergès, que reorienta a temporalidade da luta para a recuperação de sentidos utópicos, visando uma construção de futuro.

Tendo desenvolvido os pontos de convergência e discordância entre autores, expresse o interesse e a curiosidade futura de investigar com maior grau de aprofundamento a composição defendida por Vergès em sua proposta de edificação de uma abordagem feminista decolonial, para, assim, embasar uma análise do romance de Butler a partir dessa lente.

Referências

AMARAL, George Augusto. A atualidade da representação das consequências das mudanças climáticas no romance *A parábola do sementeiro*, de Octavia E. Butler. *Abusões*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 22, p. 64-96, Dec. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/73199>. Acesso em: 2 set. 2024.

BACCOLINI, Raffaella. The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction. *PMLA*, v. 119, n. 3, p. 518-521, Mai. 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25486067>. Acesso em 28 jul. 2024.

BAILÃO, André. Paisagem - Tim Ingold. In: BAILÃO, André. *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>.

BUTLER, Octavia Estelle. *A parábola do sementeiro*. 1. ed. São Paulo: Morro Branco, 2018.



BUTLER, Octavia Estelle. *Kindred*. 1. ed. São Paulo: Morro Branco, 2017.

CALIFORNIA DREAMIN'. [Compositor e intérprete]: The Mamas & The Papas. New York: RCA Record, 1965. Digital (2:38 minutos).

ESTADOS UNIDOS. National Park Service. *Underground Railroad*. Washington: National Park Service, 2025. Disponível em: <https://www.nps.gov/subjects/undergroundrailroad/what-is-the-underground-railroad.htm>. Acesso em: 12 set. 25.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2020.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista*. 1 ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREUD, Sigmund. Freud (1911-1913) - *Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreiber")*, artigos sobre técnica e outros trabalhos. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. *O infamiliar: das unheimliche*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HILÁRIO, L. C. Teoria crítica e literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n.2, p 201-215, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p20>. Acesso em 14 ago. 2024.

INGOLD, Tim. Paisagem ou mundo-tempo?. In: INGOLD, Tim. *Estar vivo: Ensaios sobre conhecimento, movimento e descrição*. 1 ed.. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 260-278.

INGOLD, Tim. Temporality of the landscape. In: INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000, p. 189-208.

MARQUES, Eduardo Marks.; FREITAS; Anderson Luis Brum de. Do afrofuturismo ao distópico: o caráter político-religioso de A parábola do sementeiro, de Octavia E. Butler. *Revista de Estudos Culturais, São Cristóvão*, v. 2, n. 17, p. 163-178, Dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/17200>. Acesso em 02 set. 2024.

OLIVEIRA, Natália Fontes.; SILVA, Caroline Palhares. Distopias contemporâneas de autoria feminina: A luta das protagonistas em um contexto distópico. *Inventário*, Salvador, [S.l.], n. 33, p. 15-31, Jul. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/60671>. Acesso em 29 set. 2024.

SALVAGGIO, R. Octavia Butler and the black Sciencefiction heroine. *Black American Literature Forum*, v. 18, n. 2, p. 78-81, Jul. 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2904131>. Acesso em 04 ago. 2024.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. 1 ed. São Paulo: Ubu Editora, 2020.